

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

ESPECIAL: ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA

ARTIGO

## INFÂNCIA, GÊNERO E BRINQUEDOS: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DOMESTICIDADE FEMININA ATRAVÉS DAS COISAS CONTEMPORÂNEAS DE BRINCAR

Adriana Fraga da Silva\*

### RESUMO

O presente artigo apresenta algumas das reflexões realizadas no âmbito de um projeto de pesquisa “É para menino ou para menina? O papel das coisas na construção bipolarizada de gênero na sociedade contemporânea”, desenvolvido no LOCCO/FURG. Tenho como objetivos problematizar aspectos relacionados às materialidades contemporâneas, através das coisas de brincar. Os brinquedos, enquanto tecnologias de gênero, são abordados na interseccionalidade das categorias sociais gênero e idade. Problematizo, assim, a construção e a manutenção de traços da ordem patriarcal de poder, por práticas que projetam e reforçam a domesticidade feminina desde a infância.

**Palavras-chave:** Infância; Gênero; Brinquedos.

\* Lume Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO). Bacharelado em Arqueologia. PPGHistória-Mestrado Profissional. Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço institucional: Av. Itália, Km 8, Campus Carreiros, prédio 3 (ICHI), Rio Grande, Rio Grande do Sul. CEP 96203900. Endereço eletrônico: adrifragasilva@hotmail.com

CHILDHOOD, GENDER AND TOYS:  
REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION FEMININE DOMESTICITY  
THROUGH THE CONTEMPORARY THINGS OF PLAYING

---

## ABSTRACT

The present article presents some of the reflections carried out in the context of a research project "Is it for a boy or for a girl? The role of things in the bipolarised construction of gender in contemporary society ", developed in the LOCCO/FURG. I aim to problematize aspects related to contemporary materialities, through play things. Toys, as technologies of gender, are addressed in the intersectionality of the social categories gender and childhood. I problematize the construction and maintenance of the patriarchal power order by practices that project and reinforce female domesticity from childhood.

**Keywords:** Childhood; Gender; Toys.

INFANCIA, GÉNERO Y JUGUETES:  
REFLEXIONES SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA DOMESTICIDAD FEMENINA A  
TRAVÉS DE LAS COSAS CONTEMPORÁNEAS DE JUGAR

---

## RESUMEN

El presente artículo presenta algunas de las reflexiones realizadas en el marco de lo proyecto de investigación "¿Es para niño o para niña? El papel de las cosas en la construcción bipolarizada de género en la sociedad contemporánea", desarrollado en LOCCO/FURG. Tengo como objetivos problematizar aspectos relacionados con las materialidades contemporáneas, a través de las cosas de jugar. Los juguetes, como tecnologías de género, se abordan en la interseccionalidad de las categorías sociales género e infancia. Problematizo la construcción y el mantenimiento del orden patriarcal de poder por prácticas que proyectan y refuerzan la domesticidad femenina desde la infancia.

**Palabras clave:** Infancia; Género; Juguetes.

## INICIANDO

Problematizando as coisas e as materialidades contemporâneas, a partir de projetos desenvolvidos no Lume Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO), vinculado ao Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), investigo, desde uma perspectiva teórica e política feminista, a construção e a permanência da domesticidade feminina através das coisas de brincar. A categoria social gênero, portanto, é central no projeto intitulado “É para menino ou para menina? O papel das coisas na construção bipolarizada de gênero na sociedade contemporânea”. Contudo, idade, em específico a infância, enquanto uma das categorias sociais estruturantes das sociedades, também é contemplada. Desta maneira, com o presente artigo, apresento as reflexões realizadas no âmbito do projeto citado, no intuito de, a partir das categorias gênero e idade/infância, problematizar a construção de práticas sociais que demonstram a permanência de certos espectros de domesticidade das mulheres desde suas infâncias. Observo, assim, as dinâmicas materiais relacionadas às coisas do brincar e os brinquedos industrializados disponibilizados em diferentes sítios. Tomei como *locus* de observação alguns desses espaços de venda na cidade de Rio Grande, localizada no sul do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, bem como lojas virtuais.

O artigo está dividido em dois pontos: no primeiro, intitulado Infâncias e Gênero: categorias cruzadas, apresento alguns aspectos que permearam a construção da problemática e da abordagem aqui apresentadas, no que se refere às categorias sociais e de análise gênero e infância. Destaco que as práticas que permeiam tais categorias são, para o caso da infância enquanto fase, construídas e reforçadas a partir de, por exemplo, coisas de brincar. Brinquedos que, como quaisquer coisas que compõem as materialidades da vida humana, estão repletos de significados e expectativas sociais que se desenham desde os projetos até a comercialização e usos. Neste sentido, os brinquedos fazem parte das tecnologias (LAURETIS, 1994) de poder que constroem relações de gênero. No segundo ponto, intitulado *É para menina ou para menino? É para criança!*, considerando os limites deste artigo, apresento alguns exemplos selecionados a partir do material empírico selecionado e analisado no âmbito do projeto para, posteriormente, tecer alguns comentários finais.

## INFÂNCIAS E GÊNERO: CATEGORIAS CRUZADAS

Nas áreas das ciências humanas e sociais é possível observarmos estudos já apontados como clássicos sobre as infâncias, as crianças e as culturas infantis no exterior e no Brasil, como, por exemplo, os trabalhos de Ariés (1986), Qvortrup (2010), Del Priore (2001) e Fernandes (1979). Todavia, nas últimas duas décadas, em especial a partir dos anos de 1990, o tema ganhou maior folego na Arqueologia (BAXTER, 2008), apesar de existirem trabalhos relacionados ao tema desde os anos 70 (ROMERO, 2010). No entanto quais ideias de infância identificamos em alguns estudos de Arqueologia da infância?<sup>1</sup> Se buscarmos definições em dicionários de língua portuguesa encontramos, por exemplo:

**Infância.** [Do lat. *Infantia*.] S.f. 1. Período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento até a puberdade, meninice, puerícia. 2. As crianças. 3. *fig.* O primeiro período de existência numa instituição, sociedade, arte, etc. 4. *Psicol.* Período da vida

---

<sup>1</sup> Para compreender como a Arqueologia brasileira faz uso desta categoria, a partir das experiências no projeto citado anteriormente, iniciaremos, ainda em 2018, um projeto que visa compreender como as infâncias, as culturas infantis e as crianças são abordadas e compreendidas nos estudos arqueológicos. Questionaremos, nos marcos do projeto de pesquisa intitulado “Infâncias, crianças e culturas infantis na Arqueologia Brasileira”, quais bases conceituais, empíricas e metodológicas tais estudos partem para delinear suas problemáticas, compreensões e análises sobre o tema. O será desenvolvido no LOCCO/FURG.

que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: *primeira infância*, zero a três anos; *segunda infância*, de três a sete anos; e *terceira infância*, de sete anos até a puberdade. 5. *Bras. Pop.* Ingenuidade, simplicidade: *Aquele senhor é de uma infância!* *Primeira Infância. Psicol.. V. infância* (4). *Segunda Infância. Psicol.. V. infância* (4). *Terceira Infância. Psicol.. V. infância* (4). (FERREIRA, 1999).

A definição remete à infância como sinônimo de fase/etapa de desenvolvimento biológico/cognitivo, como uma fase inicial e natural de desenvolvimento. Num levantamento prévio realizado para elaboração do projeto mencionado na nota II, percebemos que, em sua grande maioria, a infância é abordada a partir de duas linhas gerais: uma que a concebe como uma etapa natural, desde a presença de indivíduos de pouca idade biológica, a reconhecendo como uma fase pautada sobre critérios específicos, como, por exemplo, o desenvolvimento ósseo e dentário; e uma segunda linha, na qual a infância é uma parte do espaço social de aprendizagem e desenvolvimento de grande importância na constituição, na reprodução e na permanência de diferentes grupos, guardadas suas particularidades culturais. Nesta perspectiva, apesar de ainda remeter à infância como uma fase/etapa, esta é vista como uma construção historicamente datada e localizada, e não como algo natural e universalmente posto. Contudo, mantém a perspectiva da infância como algo antecipatório, construída pela ação das crianças no preparo para sua vida adulta, como numa espécie de “poupança para futuro”, como apontou Davis nos anos de 1940 (DAVIS, 1940: 2017 apud QVORTRUP, 2010: 633). Nesta segunda linha, a infância é “*una distincion esencialmente cultural, un constructo social, y por tanto, muy variable*” (JACKSON, 2006: 114), que, como bem aponta o autor, constitui um local social/temporal de reprodução social e futura reprodução biológica de qualquer coletivo humano, baseado nas diferentes estratégias de aprendizagem que se dão através de observação e imitação. Entretanto,

Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica. É compreendida, mais apropriadamente, como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional. As duas noções de infância enquanto um período e enquanto uma categoria permanente não se contradizem (QVORTRUP, 2010: 635)

Nesse caminho, ainda na segunda linha geral aqui apresentada, Lillehammer (2010) apresenta três dos principais enfoques aos quais a arqueologia da infância tem se dedicado:

- 1) compreensão de como as crianças experimentam seus mundos;
- 2) compreensão de como se dão as relações entre os mundos infantis e adultos;
- 3) compreensão de como determinados grupos adultos consideram os mundos infantis.

Politis (1998, 1999) trouxe uma pertinente reflexão através de estudos etnoarqueológicos, nos quais constatou que as crianças usam e fazem coisas e, portanto, são ativas na produção do registro arqueológico. Constituem uma categoria social que, em determinados contextos e arranjos sociais, pode ser chamada de infância. Contudo as abordagens arqueológicas, como aponta Jackson (2006), por vezes partem de premissas adultocêntricas. Logo, para alguns, uma arqueologia da infância pode ser definida como o estudo arqueológico da atividade infantil.

Essa definição, ainda que bastante ampla, nos leva pensar nas formas como as atividades denominadas infantis vêm sendo identificadas nos registros arqueológicos. Em linhas gerais, apontamos o seguinte: a presença de vestígios de indivíduos de pouca idade biológica, considerando aqui as fases de desenvolvimento humano, identificadas a partir dos registros funerários, da presença de artefatos que remetem ao mundo dito infantil e, conseqüentemente, das crianças, ou pelo menos ao que se aponta como parte do universo material infantil para os contextos analisados. Dessa última linha é possível levantar alguns aspectos pertinentes para reflexão sobre o que têm sido identificado como vida material das infâncias investigadas nos mais diversos contextos sociais. Aqui, como apontam Peraile *et al* (2014: 406),

de forma general podemos destacar una serie de ámbitos temáticos generales de representación, con protagonismo destacado en el discurso arqueológico, que pasan por el reestudio de la cultura material y las imágenes tradicionalmente asociadas a la infancia y la revisión de actividades, funciones y contextos – de hábitat, funerarios y rituales – con presencia infantil.

É sobre as imagens tradicionalmente associadas que os conceitos de infância e a sua consequente identificação material têm sido pautados para apontar a presença infantil. Assim, as infâncias, nos mais diversos registros arqueológicos, por vezes são observadas a partir daquilo que a arqueologia de perspectiva teórica histórico-cultural definiu como fóssil guia (ou artefato diagnóstico), que, via de regra, remete a supostas atividades relacionadas ao ato de brincar. Parte das pesquisas que se propõem ao estudo arqueológico da atividade infantil a identifica a partir de:

- 1) presença de artefatos em pequenas dimensões que imitam/copiam artefatos maiores utilizados, em tese, por adultos. Como por exemplo: pontas de projétil, arcos, recipientes cerâmicos, artefatos em tecidos (como vestimentas de bonecas e bonecos), pequenas unidades habitacionais, pequenas embarcações etc;
- 2) presença de artefatos em pequenas dimensões com identificação de deficiências técnicas em sua elaboração;
- 3) presença de objetos que representam pequenos corpos, em especial antropomórfos, denominados bonecas ou bonecos;
- 4) presença de artefatos relacionados aos cuidados com crianças, como vestimentas, vestígios de alimentação, adornos etc.

O que foi arrolado acima, de maneira geral, permite que observemos a partir de que pressupostos as infâncias têm sido identificadas. As próprias tendências brevemente apresentadas desenham a ideia que se anuncia: as infâncias e as crianças, pelo até aqui observado, estão sendo vistas desde as lentes das infâncias atuais, circunscritas à ideia de fase/etapa de desenvolvimento. Muitos trabalhos alertam para a necessidade de reconhecermos que infância não é universal. Além disso, apontam que ela não está circunscrita exclusivamente aos aspectos biológicos de uma fase de desenvolvimento. Para isso, recorrentemente, temos percebido que diferentes estudos partem das ideias de Baxter (2008), a qual aponta que, muito embora sejam relevantes, as etapas (trajetórias) de desenvolvimento humano variam imensamente. Neste sentido, a autora indica a necessidade de observar não somente como cada sociedade organiza sua classificação e suas categorias etárias e de desenvolvimento humano, mas igualmente também alerta para a necessidade de compreendermos as particularidades das crianças em seus próprios contextos culturais.

Apesar disso, observa-se que infâncias seguem abordadas como etapas assim nominadas para todas as particularidades culturais e arranjos sociais em estudo. Em boa

parte das pesquisas, em especial naquelas desenvolvidas desde a bioarqueologia, denomina-se e identifica-se infância e indivíduos infantis (crianças), a partir da “avaliação fisiológica de maturação dentária e esquelética, e uma conversão bem-sucedida da idade biológica em idade cronológica”, como bem apontam Solari *et al* (2016: 09).

Diante do exposto, no âmbito do projeto que temos desenvolvido, a infância é observada desde a seguinte perspectiva: nas formas como os adultos compreendem a ação das crianças (sujeitos da infância); e definida socialmente como uma etapa de aprendizagem na experiência no mundo. A definimos, então, através do cruzamento de elementos como idade cronológica, idade biológica, elementos cognitivos e linguagem. Dessa forma, compreendemos infância enquanto etapa e categoria de análise, uma vez que

a infância tanto se transforma de maneira constante assim como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam. A infância existe enquanto um espaço social para receber qualquer criança nascida e para incluí-la – para o que der e vier – por todo o período da sua infância. Quando essa criança crescer e se tornar um adulto, a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças. (QVORTRUP, 2010: 635).

Ressalto, igualmente, que observar infâncias através das coisas de brincar possibilita-nos debater as coisas como componente intrínseco de nossas vidas; como parte daquilo que nos faz humanidade. Nesse sentido, há abordagens que pautam as coisas como produtos das ações humanas. Entretanto, desde os anos 1980, a partir das mais variadas áreas e matizes teóricas, tem-se igualmente refletido sobre o papel social da cultura material na constituição dos sujeitos, dos coletivos e das práticas sociais (TILLEY, 1990, 2006; THOMAS, 2004; APPADURAI, 2008; McCRAKEN, 2003; DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004; para citar alguns exemplos).

A cultura material, as coisas, os objetos, os artefatos, (a depender do conceito adotado) numa perspectiva processualista, por exemplo, são abordados como produto (criado, utilizado e descartado) da ação humana; como instrumentos extrasomáticos que possibilitam a adaptação às diferentes pressões exercidas pelo meio envolvente. Contudo as coisas também são percebidas para além da condição de produto, igualmente, como produtoras das teias de relações e dinâmicas sociais, como parte inerente da condição humana (MILLER, 2002, 2013; SAHLINS, 2003; STALLYBRASS, 2008; TILLEY, 2006; INGOLD, 2012, por exemplo).

Para Tilley (2006), os objetos não são simples reflexos das relações sociais ou de sistemas simbólicos, mas sim o próprio meio através do qual a sociedade produz e legitima seus valores, onde toda a trama social se instala. Para Sahlins (2003: 07), por exemplo, o que diferencia os humanos dos demais animais não é o fato destes viverem em um mundo cercado, abarrotado, de objetos, mas sim o fato de fazê-lo a partir de um “esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única”. Assim, se humanos fazem coisas e coisas fazem humanos, esta relação pode ser observada através dos brinquedos, coisa presente no universo das tradições e, ao mesmo tempo, dos ávidos mercados capitalistas das ditas economias globais/transnacionais.

Através dos brinquedos pode-se examinar as mais diversas estratégias cotidianas de consolidação, reprodução e inovação nas tramas sociais e práticas culturais. Esses, portanto, são abordados como coisas que constroem socialmente os humanos, como tecnologias que, em suas formas de estar e atuar no mundo, agem com as expectativas dos adultos no que se refere a aprendizagem das crianças que vivenciam as infâncias.

No documentário *Tarja Branca. A revolução que faltava*, dirigido por Cacau Rhodem<sup>2</sup>, uma das entrevistadas afirmou que olhar uma criança brincando é reaprender a dimensão do humano, e que ser adulto é desenvolver um processo criador que se inicia com o brincar de quando se ainda é criança. Esta afirmação descortina a ideia de que a prática do brincar é, em si, um ato educativo e formativo. Além disso, ainda vai ao encontro da perspectiva da infância como investimento, permeado pelos atos emancipatórios de um porvir (QVORTRUP, 2010).

Todavia, para alguns, o brincar é apontado como libertador do imaginário, ao passo que, para outros, é observado como formatador. Apesar de o ato de brincar e as brincadeiras em si não serem o foco deste trabalho, não podemos deixar de observar que os brinquedos, como coisas do brincar, educam, criam e recriam expectativas que os universos dos adultos depositam nos papéis sociais futuros de seus membros mais jovens.

Na pesquisa que temos desenvolvido, há o pressuposto de que as formas, as dimensões, as cores e as ilustrações/imagens, considerando as embalagens, chamam atenção por provocarem respostas cognitivas e emocionais. Aliás, os objetos nas sociedades capitalistas contemporâneas são planejados para isso. Como aponta Sudjic (2010: 09), as coisas estão longe de serem inocentes na dinâmica social e, por isso, são interessantes demais para serem ignoradas.

Dessa maneira, os brinquedos são parte constituinte dos indivíduos, que com estes e através destes se reconhecem enquanto sujeitos, fazem seu universo de experiências e interagem com o mundo. Esta relação, entre os sujeitos e as coisas, comumente é definida a partir da metáfora de um percurso em duas vias, ou seja: o sujeito faz o objeto, como força de ação e, numa reação, desde outra via, o objeto faz o sujeito. Contudo apesar das influências mútuas serem pautadas, cada um é localizado em uma rota de ação, considerando que, como em uma via de trânsito, as rotas são paralelas e somente em alguns pontos podem se cruzar. Se aqui, como apontado anteriormente, a cultura material é a própria humanidade, tratar da vida social das coisas desde a metáfora da via é inócuo. Assim, neste estudo de caso, as coisas e os sujeitos se constituem num mesmo emaranhado, como uma teia formada por um único fio.

Ao nos debruçarmos sobre a tarefa de refletir acerca dos brinquedos na sociedade contemporânea, podemos defini-los, por exemplo, como coisas apropriadas no ato de brincar (PEREIRA, 2009). Ou, como todas as coisas projetadas, criadas e disponibilizadas pelos adultos para tornarem-se parte do ato de brincar de crianças (BENJAMIN, 2002). Esta última perspectiva marca a abordagem aqui desenvolvida, tendo em vista que está centrada na elaboração de reflexões a partir dos brinquedos industrialmente produzidos e comercializados. Trata-se, então, de brinquedos projetados e disponibilizados por adultos. Como apontou Pereira,

são os adultos que, em primeira instância, oferecem brinquedos às crianças. Ao imaginar e produzir brinquedos para as crianças, os adultos interpretam ao seu modo a sensibilidade infantil, pressupondo e inferindo aquilo que as crianças necessitam ou desejam. Entretanto, é insuficiente tentar compreender a realidade dos brinquedos apenas a partir do espírito infantil, pois tanto sua produção e circulação, quanto a atividade de brincar com eles, interligam-se a uma ampla rede social e cultural. (PEREIRA, 2009: 02).

Dessa maneira, construímos e internalizamos, mesmo que inconscientemente, através do ato de produção, de escolha e de consumo de coisas, representações e

---

<sup>2</sup> Tarja Branca. *A revolução que faltava*. Documentário. Direção de Cacau Rhoden. Produzido por Maria Farinha Filmes, 2014.

expectativas referentes aos papéis sociais que projetamos às crianças. Neste aspecto, emerge a categoria social e de análise gênero. Esta, interseccionada à de infância, permite problematizar a projeção ainda recorrente, embora tenhamos tido muitos avanços, da domesticidade das meninas no desenho de um futuro mundo de adultos.

Relações e representações de gênero são amplamente estudadas em várias áreas do conhecimento, como na História, na Pedagogia, na Geografia, na Psicologia, na Antropologia, para citar alguns exemplos. Na Arqueologia, por sua vez, tais estudos são numerosos. No Brasil o campo encontra-se em crescimento e consolidação, conforme podemos perceber através de Carneiro (2003), Pagnossi (2017) e Ribeiro (2017). Assim, refletir desde as categorias gênero/infância<sup>3</sup>, a partir das coisas contemporâneas, encontra várias possibilidades de pesquisa e, tendo os brinquedos como foco, amplia o debate para a reflexão sobre práticas e discursos (conscientes ou não) que sustentam a manutenção de traços das relações de poderes patriarcais e através de quais tecnologias de poder se expressam. Ao passo que, igualmente, possibilita a percepção e reflexão sobre os avanços da equidade de gêneros.

Gênero, diferente de sexo, está fundamentado culturalmente nas diversas formas de atuações e representações sociais. Através dessa categoria, destaca-se a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas e os diferentes e desiguais papéis sociais de gênero que ainda permeiam as sociedades (LOURO, 1996, 1997, 2008). Para Scott, gênero compreende as relações sociais entre os sexos e, igualmente, um saber, desde sua apreensão como categoria de análise, sobre as diferenças entre os sexos (SCOTT, 1995). No entanto, como aponta Saffioti (2009), ao longo da história, tais relações não necessariamente apontam hierarquias. O mundo contemporâneo experiencia as relações de gênero, inerentes às relações humanas, posto que suas representações perpassam todas as sociedades. Contudo é no patriarcado que as desigualdades encontram força (SILVA & SILVA, 2017). Este último é uma das formas de relações de gênero. Desse modo, tratamos de uma ordem patriarcal de gênero, como aponta Saffioti (2009), a qual, para a autora, “é, por conseguinte, um conceito de ordem política.” (SAFFIOTI, 2009: 37).

Partindo do exposto, questionamos os mecanismos sociais através dos quais a sociedade contemporânea produz e reproduz suas ordens de poder, aqui, em específico, a domesticidade feminina pautada na manutenção de traços da ordem política patriarcal de gênero. Para tanto, destacamos que é desde a nossa mais tenra idade que recebemos a imposição dos estereótipos de gênero. Muito dessa elaboração, ou projeção, faz-se através das coisas que a sociedade introduz na vida dos pequenos e novos mundos das crianças, como roupas, artigos de higiene, mamadeiras, roupas de cama, entre outros. Percebe-se, portanto, que as coisas destinadas à infância, e em especial aquelas tidas como banais, cotidianas, rotineiras, necessitavam de outros olhares e reflexões.

Os brinquedos aqui são igualmente abordados como tecnologias de gênero. São elementos sociais que representam e fomentam/atuem na configuração das ordens de poder, ou seja: ordens de naturalização da distribuição e classificação dos corpos na ordem de gênero da estrutura social (BENTO, 2010). Pois, “tão importante quanto a abordagem histórica desnaturalizante da diferença sexual, é perceber como nas interações cotidianas somos instados a continuar reproduzindo a naturalização dos

---

<sup>3</sup> No projeto do qual esse artigo é parte as categorias gênero e infância extrapolam seus próprios limites e são cruzadas com as categorias classe e raça, considerando tanto a presença/ausência de crianças negras, por exemplo, em campanhas publicitárias quanto suas representações nas embalagens dos brinquedos. Além disso, aborda-se o acesso, e por isso a categoria classe, de brinquedos no mercado formal e nas lojas especializadas, considerando, entre outros fatores, o alto valor desses produtos em relação às ofertas de cópias no comércio informal.

gêneros e da sexualidade” (BENTO, 2010: 08). Nessa direção, os brinquedos são compreendidos como tecnologias de poder.

Observando suas formas, cores e algumas das estratégias de distribuição espacial nos estabelecimentos de comercialização, tomamos como ambiente inicial de investigação os espaços comerciais da cidade de Rio Grande/RS/BR e lojas virtuais. Assim, inicia-se um percurso que visa problematizar o universo quase monocromático (em tons de rosa e, por vezes, lilás) ofertado massivamente para as meninas, permeado de atribuições constituídas no *sensu* comum, sexista e heteronormativo, sobre um estereótipo do universo feminino, tais como: serenidade, fragilidade, mundos encantados de príncipes e princesas, desde a estampa das primeiras mamadeiras e chupetas, das roupas, até o mundo dos brinquedos. Além disso, ficam as atribuições voltadas a atividades domésticas, cercadas de panelas, jogos de chás, eletrodomésticos e outras coisas que remetem a fazeres realizados para a família em espaço interno do lar, incluindo aí uma vasta gama de bonecas que ensaiam futuras mães. Em contrapartida, aponta-se para fato de que aos meninos fica reservado, no estereótipo que representa a masculinidade dominante, o mundo da velocidade dos carros, da coragem dos heróis, presentes desde as suas primeiras chupetas, de cores fortes e intensas, reforçando o grande inventário de coisas destinadas às atividades que remetem à força, à coragem, à masculinidade hegemônica e fazeres externos ao ambiente doméstico.

O universo dos brinquedos pressupõe uma cadeia que inicia na prancheta de projetistas do novo “produto”; passa por sua fabricação; percorre o desenvolvimento do marketing associado ao produto, com a devida campanha visual de impressos, comerciais em televisão e na rede mundial de computadores; pressupõe a elaboração de um de seus derivados mais importantes, as embalagens; e, culmina com sua inserção no mundo infantil na condição de “coisa/brinquedo”. Posto nesses termos, torna-se evidente que um estudo das relações entre brinquedos, infância e gênero exige um espaço considerável, bem como a intersecção com outras categorias de análise (como já apontado na nota IV). Considerando os limites de um artigo, optei por destacar apenas alguns elementos desse processo. Para tanto, no segundo ponto deste texto, apresento um recorte das análises e da base empírica desenvolvidas no projeto aqui mencionado: tratarei de apontar o que até então foi apresentado através de alguns exemplos relacionados as embalagens dos brinquedos.

#### É PARA MENINA OU PARA MENINO? É PARA CRIANÇA!

No ano de 1974, uma das maiores empresas de brinquedos do mundo, a LEGO, inseriu nas embalagens de seus blocos de montar uma nota endereçada aos pais. Nela, a empresa destacava o potencial criativo do brinquedo e das crianças, independentemente se meninos ou meninas (Figura 1)<sup>4</sup>. Na nota é evidente o destaque à quebra dos estereotipados “brinquedos de meninos” e “brinquedos de meninas” e um caminho na construção da igualdade de gênero, no que se refere aos direitos de brincar. Interessante também é o fato da pequena nota também acompanhar os kits de montar casinhas comercializados, brinquedos que, tradicionalmente, são destinados às meninas. Essa fonte possibilita que se abra dois exemplos que selecionei da base empírica do projeto: os blocos de montar e os brinquedos relacionados a representações do espaço doméstico (cozinhas e seus utensílios). Início pelos blocos.

---

<sup>4</sup> O Jornal O Globo, em 24 de novembro de 2014, noticiou o encontro do bilhete endereçado às mães e aos pais das crianças. Para maiores detalhes, acessar a matéria jornalística que está disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/lego-incluiu-licao-de-igualdade-de-genero-em-suas-caixas-de-brinquedo-na-decada-de-70-14646872>

**Figura 1** - Nota da empresa de brinquedos LEGO. Disponível em: <http://paleonerd.com.br>.



Apesar do pioneirismo em relação a igualdade de gênero no direito de brincar e a outras ações em que destacam a criatividade independente de gênero<sup>5</sup>, a Lego, como uma empresa, parte do sistema de economia global neoliberal em que vivemos, visa a ampliação de mercado e o conseqüente aumento dos lucros. Então, na última década, tem lançado, para além dos kits clássicos com embalagens coloridas, kits baseados em personagens que remetem aos estereótipos binários de gênero bem como às performances desta construção.

Nas figuras 2 e 3, podemos observar duas embalagens Lego em que seus temas reforçam o binarismo cromático construído para divisão dos universos “de menina” e “de menino”. No kit Lego (Figura 2) relacionado às princesas Disney, apesar das atualizações que a Disney tem elaborado nos filmes mais recentes sobre essas personagens, a embalagem do brinquedo tem contorno monocromático rosa. A embalagem como um todo é composta por tons claros, serenos. As personagens representadas, com exceção de uma sereia (princesa Ariel) em um escorregador, estão em posições passivas, congeladas,

<sup>5</sup> Em <http://paleonerd.com.br/2015/09/30/a-carta-da-lego-aos-pais-genero-criatividade-e-o-direito-de-brincar/> pode-se observar uma propaganda impressa, de 1981, em que uma menina vestindo roupas sem flexão estereotipada de gênero, mas sim de calça jeans e camiseta, mostra a construção que elaborou com os os blocos de montar. O texto que segue ao lado da imagem da menina foca na liberdade criativa, no direito da criança de brincar seja lá com o quê e como for.

como a espera de um *clac* fotográfico. Ou estariam essas princesas à espera de seus príncipes?

**Figura 2** - Caixa de kit de blocos de montar da marca Lego.Tema Princesas Disney.  
Foto: Adriana Fraga da Silva, 2017.



**Figura 3** - Caixa de kit de blocos de montar da marca Lego.Batman.  
Foto: Adriana Fraga da Silva, 2017.



Observando a embalagem do Kit Lego Batman (Figura 3) percebemos que os personagens estão em movimento, todos em ação. Além disso, as cores são vibrantes, fortes. Fica, portanto, evidente nesses dois exemplos que os kits de blocos de montar indicam, mesmo que não expressem isso diretamente nos textos de suas embalagens,

tendências cromáticas e de performance de seus personagens que sugestionam aquilo que parte da sociedade espera como performance e brinquedos de meninos e de meninas.

Algumas linhas de kits de blocos de montar da empresa Fisher Price<sup>6</sup>, por sua vez, apresentam embalagens específicas para meninos e meninas. O conteúdo embalado, o brinquedo, tem a mesma forma, dimensões e funções (blocos para montar). Todavia as cores dos blocos e das embalagens são os elementos que apontam a diferença entre o “de meninos” e o “de meninas”. A assinatura de gênero é reforçada com a representação de uma menina na embalagem rosa e de um menino na embalagem azul (Figura 4)<sup>7</sup>. Qual motivo desta diferença, visto que os demais atributos do objeto são os mesmos, conforme mencionado acima? Como bem aponta Sørensen,

*La cultura material ha desempeñado un papel especial en dicha reproducción puesto que los objetos vinculan generaciones y son fundamentales como mediadores de la tradición. A través de esos vínculos, la cultura material participa en la asignación de género a los individuos y en la presentación y preservación de las ideologías de identidad sexual, lo que significa que cada generación no inventa el mundo de nuevo, sino que se desarrollan las estructuras a largo plazo. (SØRENSEN, 2009:114, grifos meus).*

**Figura 4** - Embalagem de kit de bloco de montar para meninas. Marca: Fisher-Price.  
Foto: Adriana Fraga da Silva, 2017.



Logo, a distinção apontada pode ser interpretada como a prática das tecnologias que constroem e reforçam as ordens políticas de gênero (BENTO, 2010; LAURETIS 1994). Neste caso, observa-se, apesar dos inúmeros avanços sociais, a permanência de certos traços do patriarcado e do tradicional papel e performance social que esse sistema historicamente delega às mulheres: a passividade, a domesticidade, a submissão.

Em outra embalagem, a empresa procura contemplar as meninas e os meninos (Figura 5). Apresenta cores fortes e vibrantes, num universo multicolorido. Ainda, no centro da imagem, observamos um menino brincando. Ah, mas você poderá pensar: há uma menina na embalagem também. Mas perceba: a imagem da menina está em uma caixa de informação sem relação ativa à imagem do menino. Além disso, as dimensões da

<sup>6</sup> A empresa Fisher Price possui linhas de blocos de montar com embalagens coloridas e sem imagens de crianças brincando. São, portanto, brinquedos que não indicam qualquer flexão ou assinatura de gênero para seus consumidores e consumidoras. Todavia, no capitalismo, mercado é mercado! Dessa maneira, as empresas lançam linhas de produtos que atingem o maior número de vendas e, neste sentido, para todas as demandas dos variados públicos.

<sup>7</sup> A imagem da embalagem pode ser acessada e visualizada através de <https://www.fisher-price.com>.

imagem da menina são menores. Assim, a menina está como coadjuvante no potencial de usuária desse brinquedo. Numa espécie de: até (ou também) pode usar.... mas...!

**Figura 5** - Embalagem de kit de blocos de montar. Marca Fisher- Price.  
Foto: Adriana Fraga da Silva, 2017.



Por último, mas não menos importante, ainda no universo dos blocos de montar, a empresa Xalingo lançou, faz 70 anos, o kit de blocos de montar originalmente denominado Construtor Xalingo, cuja embalagem era colorida e sem representações de crianças. Contudo a assinatura de gênero é percebida através da ideia de que a flexão masculina da língua faz com que nos remetemos a uma pseudo universalidade do sujeito masculino. O “ConstrutOr” denota, portanto, essa tônica. As novas embalagens do kit, que segue em comercialização, apresentam a imagem de um menino e de uma menina (Figura 6). Um passo bastante significativo no que se refere a representatividade das meninas como potenciais usuárias dos blocos. A Xalingo também renovou o nome do brinquedo. O Construtor deu lugar a uma nova concepção de profissão, a de engenheiro. Segue, assim, a representatividade (ou será mera presença?) das meninas na embalagem de um kit denominado Brincando de EngenheirO. A imagem da menina está lá, em primeiro plano, e, de uma forma ou outra, mostra as inúmeras conquistas das mulheres no mercado de trabalho e outras conquistas que protagonizam. Contudo ela está Brincando de EngenheirO, profissão estereotipada como parte do universo de possibilidades do mundo masculino. Assim, denota-se que as futuras engenheiras atuem como os homens no desempenho de sua profissão.

**Figura 6** - Embalagem do kit de blocos de montar Brincando de Engenheiro, da empresa Xalingo. Foto: Adriana Fraga da Silva, 2016.



Décadas passaram e a Xalingo segue no mercado e, por diferentes caminhos, aponta algumas soluções em que pretende atender as demandas de consumidoras e consumidores que buscam produtos que superem o tradicional binarismo de gênero. Assim, a empresa apresenta certas novidades em seu blog, como uma cozinha que faz parte de uma linha denominada Casinha Flor. Entramos então na análise de uma nova coisa de brincar, as cozinhas e seus utensílios.

Nas atividades de campo desenvolvidas tenho percebido que, desde 2016, tem ampliado consideravelmente o número de cozinhas e utensílios que pretendem romper com a oferta de coisas rosa e abertamente destinadas às meninas. No entanto algumas ressalvas devem ser feitas e, para tanto, tomemos como exemplo a cozinha anunciada no blog da Xalingo<sup>8</sup>, no item “novidades”. A empresa, em 2018, assim anuncia:

As mães falaram e nós ouvimos: agora a linha Casinha Flor está de cara nova! Motivados pela igualdade de gêneros e pela preocupação com uma alimentação saudável, renovamos a linha para oferecer mais diversão na cozinha para meninos e meninas.

Deixando de lado a tradição do rosa, sempre associado ao feminino, a linha Top Casinha Flor de cozinhas de brinquedo surge em cores vivas como vermelho e cinza, para agradar meninos e meninas. Já que o “boom” dos programas de TV sobre culinária tem colaborado para despertar um maior interesse dos garotos pela cozinha, nada mais natural do que ter um brinquedo que seja convidativo também para eles”<sup>9</sup>.

Bem, vamos por partes. Apesar da sensibilidade para as demandas sociais inclusivas do mundo contemporâneo em relação a gênero e infância, o texto inicia com a frase “As mães falaram e nós ouvimos”. Aqui temos um aspecto que extrapola o empírico aqui pautado, mas igualmente o envolve: as mães seguem como interlocutoras e as responsáveis pelo que diz respeito às suas crianças. A demanda das mães expõe uma

<sup>8</sup> Disponível para acesso em <http://www.xalingo.com.br/blog>.

<sup>9</sup> As imagens da cozinha bem como o texto podem ser visualizados em <http://www.xalingo.com.br/blog/2016/04/brincar-de-cozinhar-ficou-ainda-mais-divertido/>

sociedade em que, além de boa parte das unidades familiares e dos lares serem chefiados por mulheres, em muitas famílias são elas as únicas responsáveis pelas tarefas de cuidado com a prole. Assim, são essas a grande maioria das interlocutoras com o universo de consumo de brinquedos. Nesse sentido, frases como a de abertura da postagem da empresa em seu blog expõe a atualidade do caráter essencialista do cuidado materno (SILVA & SILVA, 2017).

O brinquedo, como anuncia o fabricante, inova nas cores e até mesmo em sua embalagem. Utilizam cores que fogem dos estereotipados rosa e azul. Além disso, a embalagem apresenta a imagem em que um menino e uma menina brincam na cozinha. Desta maneira, os meninos são educados às novas tarefas, em especial as domésticas, que desempenharão em sua vida adulta. Portanto, é inegável o movimento da empresa em consonância com a atual conjuntura, em que a emergência de novos papéis sociais, numa sociedade que segue lutando por equidade de gêneros, coexiste com fortes e ainda bem marcados traços patriarcais.

A dualidade de nosso tempo permite que observemos os avanços e as permanências das estruturas sociais do cotidiano e, igualmente, nos faz observar outro aspecto que também transparece quando o fabricante anuncia: “Já que o “boom” dos programas de TV sobre culinária tem colaborado para despertar um maior interesse dos garotos pela cozinha, nada mais natural do que ter um brinquedo que seja convidativo também para eles”.

Então, desde que os canais de TV, sejam esses de TV aberta ou fechada (via TV por assinatura), ampliaram o número de programas culinários destinados a crianças, inclusive do tipo *reality show*, observamos que produtos desse perfil são ofertados tanto no mercado virtual quanto nas lojas físicas. Você poderá perguntar: qual a relação disso com a construção e o reforço de infâncias pautadas pela ordem patriarcal de poder? Ser *Chef* de cozinha é trabalho profissional remunerado, em direta relação com o capital. Portanto, é atividade desenvolvida fora do ambiente doméstico. E este sim pode ser coisa de menino, desde que não seja rosa, diferente de outros brinquedos do mesmo tipo destinados unicamente às meninas. Esses, por sua vez, seguem em seus tons de rosa e não apresentam nenhum *glamour* de profissão, mas tratam da rotina doméstica. Quando exclusivas às meninas, as cozinhas e suas embalagens contêm assinaturas de gênero que remetem a um fazer que não recebe *status* de trabalho profissional. Na ambivalência do contemporâneo, o patriarcado insiste em atribuir uma suposta natureza das mulheres que são desde crianças ensaiadas, considerando aqui a ideia que antes desenvolvi referente ao caráter antecipatório da infância (DAVIS, 1940 *apud* QVORTRUP, 2010).

Outros exemplos das permanências e dos avanços apontados anteriormente podem ser observados na linha Casinha Flor, da empresa Xalingo, em que destacamos as cores da embalagem (majoritariamente rosa) e uma menina como única personagem representada<sup>10</sup>; e, na linha de cozinhas denominada *Le Grand Chef*, da empresa Calessita (Figura 7).

---

<sup>10</sup> Imagens podem ser observadas no site da empresa Xalingo. <http://www.xalingo.com.br/brinquedos/pt>.

**Figura 7** -Linha de cozinhas Le Grand Chef. Marca Calessita.  
Foto: Adriana Fraga da Silva, 2015.



Nesta última, observa-se que há uma versão em tons de lilás e rosa, com a imagem de uma menina na embalagem, com destacada assinatura de gênero e uma segunda versão em azul, branco e laranja, em que não há crianças representadas na embalagem, não denotando flexão de gênero. Além disso, em algumas divulgações virtuais a segunda versão é apresentada com a imagem de um menino e de uma menina brincando. Demonstrando os tempos que se anunciam no que se refere as novas infâncias e futuras vidas adultas pautadas na equidade de gênero. Todavia, nessa embalagem o nome *Le Grand Chef*, acrescentado do *Júnior*, está delineado em outra fonte tipográfica e com um chapéu de chefe de cozinha – coisa não representada na primeira versão apontada, na embalagem que contém a imagem da menina. Com isso, e, talvez, por isso, essa versão seja “permitida” aos meninos.

Assim, para as meninas, segue o reforço e o preparo às práticas domésticas naturalizadas por traços ainda patriarcais que demonstram a realidade de inúmeras mulheres, com suas múltiplas jornadas de trabalho diário. Há algo positivo no tipo de inclusão dos meninos no universo das coisas de brincar de cozinhas? Evidente que há! Reconheço como um passo significativo no desenvolvimento destas crianças ao perceber que as infâncias deles também serão permeadas pelos universos de faz de conta referentes ao uso de artefatos semelhantes aos que em sua casa real são utilizados.

Contudo o que as embalagens trazem com isso? Mostra-lhes que fora de seu espaço doméstico poderão fazer usos destas coisas quando adultos forem. Quando forem *Chefs* de cozinha<sup>11</sup>. No entanto, em ambiente doméstico privado, tais tarefas e utensílios, em sua infância vivenciados por suas mães, em sua vida adulta provavelmente serão destinados às suas companheiras, sobrecarregando-as com as várias jornadas de

<sup>11</sup> No blog da Xalinho (endereço disponível na nota anterior), entre os comentários sobre a Top Cozinha Flor, localizamos a seguinte mensagem de uma mãe: *Gostaria de saber se vcs irão vender aqui para a região de São Paulo? Meu filho tem 3 anos e irá completar 4 no final deste mês, e quero saber como faço para comprar, ele ama brincar de Chef. Obrigada.* (Mantida ortografia do original). Aqui percebe-se não há destaque à rotina doméstica na cozinha do lar de faz de conta, mas ao que o menino “ama”: brincar de *Chef*.

trabalhos, caso tenham, concomitante aos cuidados com o lar, uma profissão socialmente reconhecida como tal.

Na figura 8, fechando os exemplos, apresento um kit de utensílios domésticos disponíveis para venda em lojas virtuais, zonas de *free shopping* e mercados populares, como camelôs, por exemplo. Trata-se do kit *Happy Family*. Observem: Família Feliz! Isso mesmo! Esse é o nome do Kit. Tudo bem, mas o nome é inofensivo, do ponto de vista do reforço à domesticidade feminina desde a infância. Até pode ser, mas não em relação aos demais elementos: as cores, ou melhor, a cor destaque da embalagem (rosa); a imagem de uma menina passando roupa como única usuária do brinquedo; e o tipo de utensílio doméstico, que, nas mãos da menina, deixaria uma “família feliz” (ferro de passar roupas, máquina de lavar roupas, máquina de costura e um aspirador de pó). Ou seja: a família feliz se dará através dos atos das meninas limparem as casas e manter o cuidado com as roupas em sua unidade familiar, reforçando, via essa tecnologia, traços dos poderes da ordem de gênero patriarcal, na construção e reforço da domesticidade feminina, que ainda permanecem.

**Figura 8** - Kit Happy Family. Foto: Adriana Fraga da Silva, 2017.



#### ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Conforme o que aqui foi desenvolvido, tive como objetivo perpassar e interseccionar os conceitos de infância e gênero como parte das categorias estruturantes da sociedade contemporânea. Para tanto, essas duas categorias são definidas e postas em prática através da ação das crianças como sujeitos do espaço social infantil; bem como pelas formas e tecnologias que os adultos apresentam às crianças na elaboração de um universo social desejado.

Desta forma, a infância é delineada pelas expectativas que o mundo adulto deposita na ordenação do mundo infantil como plano de futuro. Na ideia de um porvir, faz-se uso dos brinquedos como tecnologias de gênero, delineados na experiência de gênero que anuncia um fazer feminino calcado na domesticidade e na desigualdade de poderes, ao passo que, igualmente, anuncia novas práticas em busca de equidade. Problematicar a

infância e as ordens de gênero da sociedade contemporânea, desde a Arqueologia, permite, portanto, descortinar pseudos essencialismos atribuídos aos famigerados “papéis sociais” femininos ainda persistentes e, assim, buscar caminhos para sua plena superação. Juntas, meninas grandes e pequenas, conseguiremos! Eu acredito nisso!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. 2008. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: EdUFF.
- ARIÉS, Philippe. 1986. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BAUDRILLARD, Jean. 2004. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva.
- BAXTER, Jane Eva. 2008. The archaeology of childhood. *Annual Review of Anthropology*, 37: 159-175.
- BENJAMIN, Walter. 2002. Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.
- BENTO, Berenice. 2010. As tecnologias que fazem os gêneros. In: Atas do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Disponível em: [http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E8\\_As\\_Tecnologias\\_qu\\_e\\_Fazem\\_os\\_Gêneros.pdf](http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E8_As_Tecnologias_qu_e_Fazem_os_Gêneros.pdf). Acessado em agosto 2017.
- CARNEIRO, Vania C. 2003. Gênero e Cultura Material: uma introdução bibliográfica. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Série. 8/9: 293-324.
- DEL PRIORE, Mary. 2001. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. 2004. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- FERNANDES, Florestan. 1979. As Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis. In: FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- INGOLD, Tin. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: *Rev. Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS. 37: 25-44.
- JACKSON, Donald. 2006. Infancia y Arqueología: hacia la construcción de un marco conceptual y expectativas arqueológicas. In: JACKSON, Donald; SALAZAR, Diego e TRONCOSO, M. (Orgs). 2006. *Puentes hacia el pasado: reflexiones teoricas en Arqueología*. E-book . Grupo de Trabajo en Arqueología Teórica, pp. 110-122.
- LAURETIS, Teresa de. 1994. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 206-241.
- LILLEHAMMER, Grete. 2010. *Archaeology of Children/Arqueología de la infancia*. *Complutum*, 21: 15-45.
- LOURO, Guacira L. 1996. Nas redes do conceito de gênero. In.: *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LOURO, Guacira L. 1997. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- LOURO, Guacira L. 2008. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Pro-Posições*. v.19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acessado em janeiro 2015.
- McCRAKEN, Grant. 2003. *Cultura e Consumo*. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad.

- MILLER, Daniel. 2002. *Teoria das Compras*. O que orienta as escolhas dos consumidores. São Paulo: Nobel.
- MILLER, Daniel. 2013. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PAGNOSSI, Nádia Carrasco. 2017. Construindo uma Arqueologia de Gênero. In: *Revista de Arqueologia Pública*. Campinas: UNICAMP, 11: 50-66.
- PERAILE, Isabel Izquierdo; RUIZ, Claudia Lopes e TORREIRA, Lourdes Prados, 2014. In: *Archivo de Pre Historia Levantina*. Valência: Museu de Pré-História de Valência. 30: 401-418.
- PEREIRA, Rita Marisa R. 2009. Uma História Cultural do Brinquedos. Apontamentos sobre infância, cultura e educação. In: *Revista Teias*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação UERJ. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/444/388>. Acessado em março 2015.
- POLITIS, Gustavo. 1998. Arqueología de la Infancia: una perspectiva etnoarqueológica. In: *Trabajos de Prehistoria*. 55: 5-19.
- POLITIS, Gustavo. 1999. La actividad infantil en la producción del registro arqueológico cazadores-recolectores. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 3: 263-283.
- QVORTRUP, Jeans. 2010. A infância enquanto categoria estrutural. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 36: 631-643.
- RIBEIRO, Loredana. 2017. Crítica Feminista, Arqueologia e Descolonialidade: sobre resistir na ciência. In: *Revista de Arqueologia*. 30: 210-234.
- ROMERO, Margarita Sánchez. 2010. ¡ Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueología/Don't touch that! Childhood and material culture. In: *Archaeology*. Complutum, 21: 9-13.
- SAFFIOTI, Heleieth. 2009. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres. In: *Série Estudos e Ensaios/ Ciências Sociais*. FLACSO – Brasil, junho. Disponível em: [http://www.ssp.rs.gov.br/upload/20121031105350ontogenese\\_e\\_filogenese\\_do\\_genero.pdf](http://www.ssp.rs.gov.br/upload/20121031105350ontogenese_e_filogenese_do_genero.pdf) Acesso em 05/04/2016.
- SCOTT, Joan Wallach. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 20: 71-99.
- SAHLINS, Marshall. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SILVA, Susana Maria Vele da e SILVA, Adriana Fraga da. 2017. A Construção do Patriarcado: ainda uma questão. In: OLIVEIRA, Rodrigo Santos; NASCIMENTO, Michele Vasconcelos de Oliveira; LOUSADA, Isabel da Cruz (orgs). *História, feminismos e estudos de gênero: reflexões interdisciplinares*. São Paulo: LiberArs. pp. 103-118.
- SOLARI, A.; MARTIN, G.; SILVA, S. F. S. M da. 2016. A Presença Infantil no Registro Bioarqueológico no Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. In: *Fundamentos*, XIII: 4-30.
- SØRENSEN, Marie Louise. 1998. S. Arqueologia del genero en la arqueologia europea: reflexiones y propuestas. In: *Arqueologia*. 19, Disponível em: <http://debatefeminista.com/PDF/Articulos/arqueo379.pdf>. Acessado em março 2014.
- STALLYBRASS, Peter. 2008. *O Casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autentica Editora.
- SUDJIC, Deyan. 2010. *A linguagem das coisas*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- THOMAS, Julian. 2004. *Archaeology and Modernity*. Londres: Routledge.

- TILLEY, Christopher e editores. 2006. *Handbook of Material Culture*. Londres: Sage Publications Ltd.
- TILLEY, Christopher. (Org). 1990. *Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism*. Cambridge, Basil Blackwell Ltd.